



- Leitor iniciante
- Leitor em processo
- Leitor fluente

DOUGLAS TUFANO

Histórias da Terra e do Céu

ILUSTRAÇÕES: Rogério Borges

PROJETO DE LEITURA

Elaboração: Luísa Nóbrega
Coordenação: Maria José Nóbrega

- Leitor fluente – 4º e 5º anos do Ensino Fundamental

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero



Histórias da Terra e do Céu

DOUGLAS TUFANO



UM POUCO SOBRE O AUTOR

Douglas Tufano nasceu em São Paulo. É formado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo. Foi professor efetivo da rede oficial de ensino de São Paulo e trabalhou também em escolas particulares, tendo lecionado Português, Literatura Brasileira e História da Arte. Atualmente, ministra cursos de capacitação para professores de todo o Brasil, a convite de Secretarias de Educação e instituições particulares de ensino. É autor de vários livros didáticos e paradidáticos publicados pela Editora Moderna.



RESENHA

Em *Histórias da Terra e do Céu*, Douglas Tufano reconta uma série de narrativas mitológicas de diferentes povos indígenas. Seu recorte recai sobre as narrativas de origem, que narram como as coisas que existem no mundo vieram a ser. Assim, ficamos sabendo que

a vitória-régia um dia foi uma bela menina que acabou morrendo afogada, tamanho o seu amor pela Lua; que uma menina de pele muito branca acabou adoecendo e, depois de morrer, virou a mandioca; que o deus Tupã criou o uirapuru para que a flauta do jovem Catuborã continuasse para sempre a se fazer ouvir; e que as Plêiades eram sete irmãs que decidiram se juntar às estrelas para nunca mais sentir sede. São narrativas muitas vezes trágicas que estabelecem relações de proximidade e parentesco entre o homem e as coisas que o rodeiam – como se as coisas manifestassem o desejo humano sempre presente de mover-se para além de si. A natureza é encarada como um espelho onde podemos reconhecer nossos anseios.

Diferente de outros países da América Latina, como o Peru, o México e a Bolívia, em que as tradições dos povos pré-hispânicos mantêm-se vivas e constituem, em grande parte, a identidade da população local, muitos brasileiros mantêm-se afastados das tradições indígenas. Trata-se de um arcabouço cultural multifacetado e complexo: antes da chegada dos portugueses, cerca de 900 povos distintos, falando por volta de 1100 línguas diferentes, habitavam o território amplo que mais tarde se tornaria o Brasil. Nos dias de hoje, 250 povos indígenas habitam o território brasileiro. Apresentar às crianças algumas das narrativas da tradição indígena é uma maneira de desconstruir preconceitos e generalizações, de permitir que descubram a complexidade e diversidade desses povos que a arrogância do pensamento colonizador nos acostumou a encarar como primitivos.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: lendas indígenas.

Palavras-chave: narrativa de origem.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa.

Tema transversal: Pluralidade Cultural.

Público-alvo: Leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental).

3. Todas as narrativas do livro incluem um momento de transmutação, em que um personagem humano se torna planta, estrela, raiz ou pássaro. Proponha que os alunos procurem perceber que características dos personagens são semelhantes e/ou análogas às das criaturas que eles acabam por se tornar.
4. Peça a eles que observem com atenção as delicadas aquarelas de Rogério Borges, procurando notar como o ilustrador brinca com efeitos de proximidade e distância, sobreposições, transparências, reflexos e sombras.

Depois da leitura

1. Proponha que realizem uma pesquisa sobre diferentes povos indígenas no Brasil. Apresente a eles o *site* <http://pib.socio-ambiental.org/pt>. Na página de abertura, leem-se nomes de diferentes povos que habitam o país – é possível então clicar sobre cada um e conhecer um pouco mais a respeito da cultura deles. Divida a turma em pequenos grupos e proponha que, tomando o *site* como ponto de referência, cada um realize uma pesquisa a respeito de um povo diferente.
2. Revele aos alunos que *A menina que amava a lua*, que narra o surgimento da vitória-régia, pertenciam a um conjunto de lendas de um povo já extinto, o povo Manaó (que vivia onde hoje está situada a cidade de Manaus, daí seu nome). Esse povo não sobreviveu à colonização. Quantos povos indígenas desapareceram depois da chegada dos europeus? Deixe que os alunos pesquisem a resposta.
3. Na abertura do livro, Douglas Tufano sugere que o professor estabeleça comparações entre as narrativas mitológicas indígenas e os mitos de outras culturas, como a greco-romana. Ora, é bastante interessante comparar a lenda da vitória-régia com o mito de Narciso – traga uma versão do mito grego para ler com a turma e proponha que os alunos procurem imagens de Narciso na internet. Ambos os protagonistas se afogam seduzidos por um reflexo, obcecados por um amor impossível – porém, enquanto Lapuna se enamora da Lua, Narciso se sente irresistivelmente atraído por sua própria imagem. De fato, o narciso e a vitória-régia são plantas aquáticas bastante semelhantes...
4. O conto *Uma menina chamada Mani*, que narra o surgimento da mandioca, possui alguns paralelos com o belo conto *A menina de lá*, de Guimarães Rosa, que integra o livro *Primeiras Histórias*. Leia o conto em voz alta para a turma, chamando atenção para o modo como o autor brinca com as palavras,

3. Todas as narrativas do livro incluem um momento de transmutação, em que um personagem humano se torna planta, estrela, raiz ou pássaro. Proponha que os alunos procurem perceber que características dos personagens são semelhantes e/ou análogas às das criaturas que eles acabam por se tornar.
4. Peça a eles que observem com atenção as delicadas aquarelas de Rogério Borges, procurando notar como o ilustrador brinca com efeitos de proximidade e distância, sobreposições, transparências, reflexos e sombras.

Depois da leitura

1. Proponha que realizem uma pesquisa sobre diferentes povos indígenas no Brasil. Apresente a eles o *site* <http://pib.socioambiental.org/pt>. Na página de abertura, leem-se nomes de diferentes povos que habitam o país – é possível então clicar sobre cada um e conhecer um pouco mais a respeito da cultura deles. Divida a turma em pequenos grupos e proponha que, tomando o *site* como ponto de referência, cada um realize uma pesquisa a respeito de um povo diferente.
2. Revele aos alunos que *A menina que amava a lua*, que narra o surgimento da vitória-régia, pertencia a um conjunto de lendas de um povo já extinto, o povo Manaó (que vivia onde hoje está situada a cidade de Manaus, daí seu nome). Esse povo não sobreviveu à colonização. Quantos povos indígenas desapareceram depois da chegada dos europeus? Deixe que os alunos pesquisem a resposta.
3. Na abertura do livro, Douglas Tufano sugere que o professor estabeleça comparações entre as narrativas mitológicas indígenas e os mitos de outras culturas, como a greco-romana. Ora, é bastante interessante comparar a lenda da vitória-régia com o mito de Narciso – traga uma versão do mito grego para ler com a turma e proponha que os alunos procurem imagens de Narciso na internet. Ambos os protagonistas se afogam seduzidos por um reflexo, obcecados por um amor impossível – porém, enquanto Lapuna se enamora da Lua, Narciso se sente irresistivelmente atraído por sua própria imagem. De fato, o narciso e a vitória-régia são plantas aquáticas bastante semelhantes...
4. O conto *Uma menina chamada Mani*, que narra o surgimento da mandioca, possui alguns paralelos com o belo conto *A menina de lá*, de Guimarães Rosa, que integra o livro *Primeiras Histórias*. Leia o conto em voz alta para a turma, chamando atenção para o modo como o autor brinca com as palavras,

criando termos novos, procurando manter no texto escrito elementos da narrativa oral.

5. Assista com a turma ao filme *Terra Vermelha*, dirigido por Marco Bechis, que retrata muitos conflitos que acometem os índios Guarani-Kaiowá, no Mato Grosso do Sul, em sua luta para recuperar suas terras, ocupadas por fazendeiros. Distribuição: Paris Filmes.
6. Proponha que os alunos pesquisem na biblioteca outros mitos indígenas e selecionem um deles para recontar oralmente para a classe. Durante duas semanas, proponha que, ao final das aulas, se faça uma roda de histórias: a cada dia, dois ou mais alunos ficam responsáveis por contar a mesma história. Se acontecer de alguns alunos escolherem a mesma narrativa, chame a atenção para as diferentes tonalidades e atmosferas que uma mesma história pode adquirir, narrada por diferentes contadores. Estimule-os a usar toda sua criatividade para que a história narrada seja a mais prazerosa possível para quem ouve. Deixe que utilizem os recursos que desejarem: objetos para criar a sonoplastia, figurino, bonecos etc.



DICAS DE LEITURA

1. DO MESMO AUTOR

- *Navegando pelo dicionário*. São Paulo: Moderna.
- *Navegando pela língua portuguesa*. São Paulo: Moderna.
- *Jean Baptiste Debret*. São Paulo: Moderna.

2. SOBRE O MESMO ASSUNTO

- *Kuery*, de Júlio Emílio Braz. São Paulo: Moderna.
- *Roda de histórias indígenas*, de Poranduba. Rio de Janeiro: NAU.
- *Puratig: o remo sagrado*, de Yaguarê Yamã. São Paulo: Peirópolis.
- *Irakisu: o menino criador*, de Renê Khitãulu. São Paulo: Peirópolis.
- *O povo Pataxó e suas histórias*, de Angthichay, Arariby, Jassana, Manguaha, Kanatyó. São Paulo: Global.